

# A BATALHA NAVAL DO RIACHUELO: UMA VISÃO MICRO-HISTÓRICA

**Francisco Eduardo Alves de Almeida (\*)**

Comemoramos no dia 11 de Junho os 140 anos de um acontecimento notável da História do Brasil: a Batalha Naval do Riachuelo. No bojo da comemoração, fui convidado para proferir uma palestra sobre esse evento marcante para a Marinha do Brasil nesse importante Instituto, guardião de nossa História Militar.

Nada mais honroso para o Diretor do Serviço de Documentação da Marinha. O Serviço de Documentação da Marinha, subordinado à Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural é o órgão responsável pela pesquisa, disseminação e publicação de nossa História Marítima, assim como pela manutenção de rica iconografia, pela Biblioteca da Marinha, com mais de 120 mil títulos, pelo Arquivo da Marinha, com milhões de documentos que compõem a sua trajetória a partir da criação de nossa Força Naval, e pelo Museu, localizado à Rua Dom Manuel, no centro da cidade do Rio de Janeiro, que apresenta exposições permanentes e transitórias de cunho histórico-cultural ligadas ao mar. Para um aprendiz de Clio como eu, não haveria comissão mais honrosa e relevante que ser Diretor desse Serviço.

Dessa maneira, senti-me não só

(\*) O autor é Capitão-de-Mar-e-Guerra e Sócio Titular do IGHMB

honrado como também feliz em poder discutir alguns aspectos desse acontecimento em nossa História, que foi a batalha naval mais importante em que a Marinha Imperial se viu envolvida, naquela manhã de 11 de Junho de 1865.

Gostaria inicialmente de fazer algumas considerações sobre o estatuto da própria História Naval e de seu campo de atuação, tentando enquadrar não só o evento militar ocorrido no passado, a Batalha Naval, em uma dimensão histórica, a História Política, assim como dentro de uma abordagem específica em relação ao campo de observação que escolhi, a chamada Micro-História.

O renomado professor de História Marítima do Naval War College dos Estados Unidos da América, doutor John Hattendorf, afirmou alguns anos atrás que “a História Naval está desencontrada, seu efeito é esporádico, inconsistente e ocasionalmente contraditório”. Considerando que nos Estados Unidos encontram-se talvez os maiores centros de estudos históricos do hemisfério ocidental, essa afirmativa chega a ser provocativa. Como está a História Naval hoje em dia posicionada em relação aos estudos históricos contemporâneos no mundo e no Brasil? Essa é a questão a ser discutida.

Antes de qualquer análise mais aprofundada devemos incursionar no campo da Teoria da História para

podermos homogeneizar o nosso pensamento. Inicialmente devemos distinguir a História Marítima da História Naval. Embora possam figurar no mesmo campo de atividades, elas não são coincidentes.

A primeira investiga particularmente os campos ligados à ciência, tecnologia, cartografia, a indústria, a economia, o comércio, a política marítima, as relações internacionais envolvendo o mar, o desenvolvimento organizacional e institucional marítimo, as comunicações, a migração conectada com o mar, o estudo das leis marítimas, os assuntos sociais ligados ao mar, a liderança política com foco no campo marítimo, a ética marítima, a arte ligada ao mar e a literatura naval. Observamos que o campo de atuação da História Marítima é enorme e multifacetado<sup>1</sup>.

Como exemplos de História Marítima podemos apontar a História da Construção Naval, ou quem sabe a História da Navegação. Outros sub-produtos interessantes podem ser a História da Cartografia Marítima ou a História da Literatura Naval. A História Naval é a História Marítima ligada ao campo militar.<sup>2</sup>

John Hattendorf classifica a História Naval como sendo a História que envolve especificamente o estudo e análise dos modos como os governos organizam e empregam a força no mar para atingir seus objetivos nacionais.<sup>3</sup>

Um dos grandes historiadores navais do século XX, o almirante britânico Sir Herbert William

Richmond, personalidade fascinante que tem atraído minha atenção, pesquisa e estuda nos dois últimos anos, assim descreveu em 1939 o que interessaria à História Naval. Disse ele: “A História Naval inclui os ‘porquês’ da estratégia em todas as suas fases, da esfera política até a tática de esquadras e esquadrões. Inclui também os ‘como’ e não menos importantes os ‘porquês’ dos sucessos e fracassos. Ela abarca todos os elementos da diplomacia: o relacionamento da economia e o comércio, das leis internacionais e neutralidade, de posicionamentos em combate, dos princípios e da administração da conduta da guerra, da natureza das armas e da questão das personalidades envolvidas nas decisões.”<sup>4</sup>

Assim os historiadores navais se debruçam sobre a condução da manobra de crise e da guerra no mar. Seus instrumentos de trabalho, os documentos, os indícios, a oralidade, as memórias, as cartas, enfim, toda a sorte de fontes chamadas primárias, não excluindo as secundárias com novas interpretações.

Dessa forma, a História Naval então está inserida na História Marítima. Por sua vez, inclui-se também na História Militar, dentro da dimensão História Política. Isso não significa dizer que a História Naval por si só tenha independência temática. Longe disso. Sua intercessão com outras dimensões é mais que evidente.

Quando Alfred Thayer Mahan escreveu a biografia de Lord Nelson

em 1897 ele não estava escrevendo apenas História Naval, mas também História Social, com grandes pitadas de Psico-História, ao se debruçar no nem sempre tranqüilo relacionamento do herói britânico com Lady Hamilton.

Outro exemplo notável da imbricação História Naval com outros campos históricos foi o caso do anteriormente citado Sir Herbert Richmond ao escrever em 1920 o melhor livro em minha opinião sobre a Guerra de Sucessão da Áustria no mar, **The navy in the War of 1739-1748**, em três volumes. Richmond analisa o aspecto psicológico das decisões tomadas por Anson, Byng, Knowles e outros almirantes envolvidos na guerra. Ele construiu não só História Política Naval, mas também Psico--História e História Antropológica.

O renomado professor britânico de Teoria e Metodologia da História, Keith Jenkins, atualmente lecionando na University College Chichester, escreveu que a História é um discurso em constante transformação, construído pelos historiadores e que da existência do passado não se deduz uma interpretação única.<sup>5</sup> Mude-se o olhar, desloque-se a perspectiva e logo surgirão novas interpretações. Aí está a beleza de se construir o discurso historiográfico. É efetivamente uma disciplina fascinante.

De acordo com o professor doutor José D'Assunção Barros, o campo de observação do agente histórico, dentro do aspecto abordagem, pode também comportar a História Imediata, a História Local,

a Regional, a História Quantitativa, a Biografia Histórica e, por fim, a Micro-História.<sup>6</sup>

A Micro-História, por exemplo, abordagem por mim escolhida para descrever a Batalha Naval do Riachuelo, é um método que se utiliza da redução na escala de observação do historiador com o intuito de perceber aspectos que de outro modo passariam despercebidos. O que pretendo discorrer é a trajetória de determinados atores dentro do embate naval, suas percepções, anseios, temores e comportamentos. Não pretendo biografar nenhum personagem durante a batalha, mas sim perceber suas reações em um momento de grande tensão psicológica.

O que quero transmitir aos senhores com essa minha conferência é uma visão particular de alguns combatentes envolvidos na ação naval sob a lente de um microscópio e não de um telescópio. Estarei fugindo da grande narrativa épica da batalha? Certamente.

Alguns grandes historiadores navais do passado não muito distante já tiveram a coragem, clareza e o tirocínio de focar a Batalha Naval do Riachuelo sob o ponto de vista estratégico. Cito o decano dos historiadores navais brasileiros o Almirante Hélio Leôncio Martins, orgulho de nossa História Naval e de nossa Marinha. A ele quero particularmente prestar uma homenagem especial. Sua personalidade cativante e jovial, aliada à sua fina erudição, nos brinda com uma excelente História

Naval. Ao mestre de todos nós, Almirante Leôncio, orgulho de nossa Marinha, rendo minha modesta homenagem. Ao senhor, nós historiadores navais muito devemos.

Outro historiador que discutiu essa batalha em detalhes foi meu ex-professor de História na Escola Naval, comte. Doutor Antonio Luiz Porto e Albuquerque, exemplo de dedicação ao magistério e incentivador para que eu prosseguisse nos estudos históricos universitários.

Por fim, devemos um tributo a outro historiador especialista em Riachuelo, talvez o maior conhecedor dos aspectos táticos da batalha, o Almirante Armando de Senna Bittencourt, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e dessa casa, e atual Diretor do Patrimônio Histórico e Cultural da Marinha, que analisou detalhadamente os diversos enfoques desse memorável combate naval. A ele agradeço não só os ensinamentos a mim transmitidos, mas também a permissão de utilizar suas bem formuladas gravuras da batalha que em breve apresentarei. Enfim, grandes historiadores navais que modestamente reverencio.

Minha abordagem, assim, deverá necessariamente contemplar aspectos pouco discutidos na batalha. A abordagem micro-histórica veio, dessa forma, a ser a minha escolha natural. Mergulhemos então na História vista de baixo, que não é bem uma especialidade da História, mas sim uma atitude ao examiná-la.

Começamos então a viajar no

tempo naquela manhã de domingo às 08h30 do dia 11 de junho de 1865, nas águas do Rio Paraná.

O comandante da canhoneira Araguari, Primeiro-Tenente da Armada Imperial Antônio Luiz Von Hoonholtz, descreveu de maneira simples o início daquele dia que ficaria gravado para sempre em sua mente. Disse ele: “O dia 11 de junho, que era domingo da Trindade, amanheceu fresco, sereno e iluminado por um sol brilhante a resplandecer num céu sem nuvens. Como de costume, terminada a baldeação, preparava-se o navio para a mostra geral que eu devia passar depois do almoço da guarnição. Por minha parte, tomado o banho frio da manhã e depois de feita a *toilette* domingueira, saboreava eu na câmara a canequinha de café, quando súbito o Guarda-Marinha Rodrigo de Lamare, que estava de quarto, gritou-me abrindo a gaiúta: “Comandante, o navio da vanguarda faz sinal de inimigo à vista!” “Mande tocar a postos”, respondi. Engolindo o último trago de meu café galguei a escada e em dois tempos atravessei a tolda e trepei ao passadiço, meu posto de comando.”<sup>7</sup>

A surpresa de Von Hoonholtz com a chegada da esquadra inimiga se contrastou com a certeza paraguaia de que a vitória estava ao alcance das suas mãos. Como sabemos, os navios brasileiros estavam fundeados, naquela manhã, com algumas praças ainda em terra recolhendo lenha para as fomalhas a vapor. Os paraguaios, ao contrário, sabiam exatamente o que iriam fazer. O plano original era chegar ao romper

da madrugada na boca do Riachuelo e abordar os barcos brasileiros que se encontravam fundeados.

O plano paraguaio era descer o rio, junto ao canal leste à noite, às escuras, depois de ultrapassar a esquadra brasileira guinar e tentar uma abordagem no qual estaria envolvido o 6º Batalhão de Infantaria de Marinha, famoso pelas operações anteriores no Mato Grosso. Um atraso na saída do esquadrão paraguaio postergou a chegada ao local aprazado e a surpresa foi perdida.

O vice-chefe do esquadrão paraguaio, Capitão de Corveta Remigio Cabral, também comandante de uma canhoneira comprada por Lopez na Inglaterra, a Tacuary, assim descreveu aqueles momentos iniciais do confronto a um interlocutor chamado Gregorio Benitez, depois da batalha: “O senhor se lembrará da hora avançada em que zarpamos do porto de Humaitá para esse destino. Esse era o motivo por que não pudemos alcançar o ancoradouro da esquadra inimiga ao romper do dia, como havia sido projetado, pois assim é que ao sairmos da cancha em frente a Corrientes, já avistamos os inimigos. Ao nos aproximarmos, alguns deles já estavam largando as amarras e provavelmente já com os canhões apontados, por ser muito conhecido o canal por onde íamos passar. Assim que passamos em frente a linha que estava à esquerda, já sofremos algumas avarias, resultado do canhoneio que faziam sobre nós. O plano de combate era passar por baixo, voltar rio acima

e atacá-la, já tarde para essa operação. Imediatamente se pôs em ação o inimigo, dirigindo-se a nós, então tomamos a enseada do Riachuelo, formando meia lua, como já não havia lugar para outra operação.”<sup>8</sup>

Sabemos que a esquadrilha paraguaia ultrapassou a brasileira e foi fundear próximo a suas baterias rio abaixo. Nesse local encontravam-se 22 peças de artilharia sob o comando do Coronel Bruguez, além de 2000 soldados prontos para a ação. O comodoro Mezza, comandante do esquadrão paraguaio, com essa ultrapassagem tentou atrair o grupo brasileiro para a enseada de Riachuelo, onde estaria sob a mira dos canhões de Bruguez.

Em seguida, a esquadra brasileira suspende e persegue o inimigo até o Riachuelo, com os navios na seguinte seqüência: Belmonte, Jequitinhonha, Amazonas (onde se localizava o Chefe de Divisão Barroso), Beberibe, Iguatemy, Mearim, Araguay, Ypiranga e, por fim, a Parnayba.

Logo após, Barroso guina francamente para bombordo, desarticulando toda a formatura em coluna. Erro perigoso que quase leva ao desastre. A canhoneira Belmonte segue sozinha, sem se aperceber da guinada do capitânia, passa em frente dos navios inimigos e das baterias paraguaias, sofrendo 37 impactos no costado e na linha d'água, tendo o comandante como única alternativa o encalhe na ilha Cabral, abaixo de

Riachuelo.

O comandante interino do navio, Primeiro-Tenente Joaquim Francisco de Abreu, assim descreveu toda a cena em que a Belmonte sofreu duramente nessa primeira parte da refrega: “Só sinto que não pude fazer o que desejava, por que depois de ter passado toda a linha inimiga e quando voltava, procurando aproximar-me do navio chefe que me parecia abordado por um navio inimigo, declarou-se fogo na coberta, produzido por uma bomba inimiga, e pouco depois deram-me parte que havia muita água no porão; assim, vi-me obrigado a tocar atrás, e como a água aumentasse extraordinariamente a ponto de estar já dois pés acima do assoalho da coberta, encalhei o navio, como único meio de salvá-lo, e imediatamente tratei de tapar os rombos, o que ainda não consegui. O navio teve as seguintes avarias: 22 rombos no costado de DD e 15 no de DE, tudo acima da linha de flutuação, abaixo, não sei ainda, porém, devem ser bastantes, pois que todas as bombas de bordo e baldes não dão vazão à água do porão, que já estava apenas dois pés abaixo da tolda; perdeu-se dois escaleres grandes, o terceiro arrombado e o único estanque estragado; perderam-se também dois turcos dos escaleres. Durante o combate tivemos 9 mortos, 7 feridos gravemente e 15 levemente e alguns contusos.”<sup>9</sup>

Por que, afinal de contas, Barroso guinou para BB sem avisar à força naval que o acompanhava? O Alte. Hernani

Goulart Fortuna acredita que o propósito do chefe naval era cortar a retirada pelo norte do esquadrão adversário.<sup>10</sup> Pode ser, embora improvável. No entanto, logo após ele percebeu a gravidade da situação tática em que colocou os navios brasileiros, desfazendo imediatamente a manobra e retomando a coluna. O certo é que a confusão já estava formada.

A corveta Jequitinhonha, imediatamente à frente da Amazonas, guina para BB e depois para BE, indo encalhar perigosamente no banco Bergantim, a cerca de 2 milhas das posições inimigas. O comandante do navio, Capitão-Tenente Joaquim José Pinto, assim descreveu as cenas que se desenrolaram com o seu navio: “O navio chefe fez para a Jequitinhonha sinal de bater o inimigo o mais próximo possível; indo-se executar essa ordem, teve-se de virar águas abaixo; nessa manobra encalhou a Jequitinhonha no banco de areia que divide os dois canais estreitos em frente à bateria de terra do inimigo, e por mais esforços que se fizeram não foi possível safá-lo. Fez-se sinal de estarmos encalhados. Começou, então, sobre nós, um fogo vivíssimo de terra e dos navios inimigos, dos quais três separando-se da linha subiram e nos cercaram, tentando por vezes abordar-nos; porém, foram repelidos e fugiram rio acima, perseguidos pelo vapor Beberibe e outros da nossa esquadra que apareceram. Na terrível posição em que nos achávamos, sustentamos à força toda a bateria de terra que cessou de hostilizar--nos ao

escurecer.”<sup>11</sup>

Nessa oportunidade, a Jequitinhonha perdeu em combate 1 oficial e 7 praças, inclusive o prático do rio, enquanto contabilizava 5 oficiais feridos, aí incluído o Comandante da 3ª Divisão, Capitão-de-mar-e-guerra José Segundino Gomensoro, e 12 praças. No decorrer da ação foram perdidos mais 10 homens, com 15 feridos, perfazendo um total de 18 mortos e 32 feridos em ação.

Com um navio encalhado, a Jequitinhonha e outro prestes a seguir o mesmo destino, a Belmonte, a fragata Amazonas investiu o Passo Riachuelo já às 11h45, abrindo vivo fogo contra o inimigo. É seguido pela Beberibe, segundo navio da coluna. Atrás vinham a Mearim, Araguari, Iguatemi e a Ypiranga. A Parnaíba correu em socorro da Jequitinhonha, já imobilizada pelo banco de areia.

O então oficial subalterno paraguaio de 25 anos de idade, Juan Crisóstomo Centurión, depois elevado a Capitão Secretário de Solano Lopez, posicionado na margem do Riachuelo, em uma das peças de artilharia de Bruguez, assim percebeu esse ponto do combate: “A Jequitinhonha e a Parnaíba foram as últimas que se posicionaram acima de nossa posição, e como pareciam vacilar em avançar, a esquadra paraguaia se pôs a caminho para interceptar-lhes a derrota e apoderar-se delas. A primeira, quando se apercebeu dessa manobra, ficou aturdida pelo vivo fogo que a bateria

de Bruguez lhe oferecia, variando de rumo e saindo fora do canal, indo encalhar próximo da barranca esquerda do rio, em frente de onde me encontrava. Ali ela foi alvo do fogo de nossa infantaria posicionada próximo. Observando que as balas de fuzil pouco afetavam esse navio inimigo, indiquei ao sargento Julian Godoy a conveniência de trazer duas peças de artilharia para hostilizar com mais eficácia a Jequitinhonha, que não cessava de atirar contra nós no meio dos mais entusiasmados vivas ao Imperador e ao Brasil até à noite. A tripulação desse navio se portou heroicamente, lutando como bravos até altas horas.”<sup>12</sup>

Enquanto a Jequitinhonha era hostilizada pela artilharia de Bruguez, a Parnaíba era abordada por três navios paraguaios. O Taquari por bombordo, o Salto Oriental a boreste, o Marquês de Olinda pela popa e o Paraguari, que vinha cortando a sua proa.

O combate a bordo da Parnaíba foi extremamente violento. O comandante desse navio, Capitão-Tenente Aurélio Garcindo Fernandes de Sá, prestou o seguinte depoimento com respeito à abordagem realizada pelos vapores paraguaios: “O inimigo, percebendo que este último [Jequitinhonha] havia encalhado, atacou a nossa linha, cortando-a na altura da Parnaíba. Avançaram sobre nós três vapores paraguaios, que mais tarde reconheci serem o Taquari, Paraguari e Salto. Sendo inevitável a abordagem, ordenei que funcionasse

a máquina com toda a pressão do vapor e dirigi-me sobre a Paraguari, tendo a felicidade de metê-la a pique. O Taquari abordou-nos pelo lado de bombordo e o Salto por estibordo. Apenas guarnecido o segundo rodízio de bombordo, que disparou dois tiros de metralha, toda a guarnição defendeu a abordagem, inclusive as primeira e sexta companhias do Nono Batalhão de Infantaria destacadas a bordo desta corveta sob as ordens do seu distinto comandante, o Tenente-Coronel José da Silva Guimarães. Nessa luta heróica, em que cada oficial, marinheiro e soldado cumpriu com o dever de verdadeiro brasileiro, muitas vidas preciosas foram sacrificadas no altar da pátria.”<sup>13</sup>

O combate no convés da Parnaíba tem sido descrito pelos historiadores brasileiros como um dos mais sangrentos da Batalha Naval do Riachuelo. Tanto o capitão Pedro Afonso Ferreira como o Tenente Feliciano Inácio Andrade Maia, do Exército, bateram-se com valentia e foram mortos no combate corpo-a-corpo. O Guarda-Marinha Greenhalgh e o Imperial Marinheiro foram outros dois combatentes mortos a bordo da Parnaíba.

Nesse momento do combate tínhamos três navios imobilizados, sendo dois encalhados e a Parnaíba lutando contra três navios inimigos. Os paraguaios, por outro lado, estavam em melhor situação que nós. Eles haviam perdido uma chata artilhada e o Jejuy e o Paraguari

estavam avariados. Bruguez continuava atirando contra nossos navios e tudo se encaminhava para um sucesso do inimigo.

Femandes de Sã continuou seu relato apaixonado: “Sendo a luta desesperada e cada vez mais crítica nossa situação, por haver-nos abordado pela popa o Marquês de Olinda e durando talvez já uma hora o combate de mosqueteria e ferro frio, fizemos todos um esforço supremo de patriotismo, aplaudindo com entusiasmo a ordem transmitida pelo Oficial Imediato, o Primeiro-Tenente Felipe Firmino Rodrigues Chaves, de combinação comigo, para que se lançasse fogo ao paiol da pólvora, ordem essa que ia ser imediatamente executada pelo corajoso escrivão de 2ª classe José Correa da Silva, quando felizmente ouviram-se gritos de Viva a nação brasileira, ao Imperador, ao Almirante Tamandaré, ao Chefe Barroso e à guarnição da Parnaíba.”<sup>14</sup>

Centurión acompanhava da margem os combates tanto na Jequitinhonha como no convés da Parnaíba. Esse oficial paraguaio, ao contrário dos nossos historiadores navais, considerou que os combatentes da Jequitinhonha tiveram desempenho mais ousado que os da Parnaíba. Sobre a abordagem do último por três navios paraguaios, ele assim se referiu: “A segunda [Parnaíba], sob pena de ter a mesma sorte que a primeira [Jequitinhonha], se viu obrigada a correr o perigo de seguir o exemplo de suas outras companheiras que haviam

passado o estreito passo indo situar-se a grande distância da ilha e da bateria de Bruguez... O Taquari conseguiu atracar no costado da Parnaíba, no entanto, só dois homens que se encontravam sobre a roda conseguiram saltar a bordo, sem que os outros pudessem seguir seus exemplos... Acharam prudente voltar a seu próprio navio, havendo aproveitado os minutos que estiveram no passadiço do inimigo para ferir alguns brasileiros. O Salto, que era à hélice, não teve o mesmo inconveniente que o Taquari e por essa razão facilmente conseguiu emparelhar com a Parnaíba... Trinta e tantos paraguaios do batalhão seis saltaram para bordo, fazendo estragos entre os brasileiros que, aterrorizados, alguns se lançaram ao rio e outros correram para ocultarem-se cobertas abaixo.”<sup>15</sup>

Pode-se perceber claramente que a visão de Centurión desse combate foi totalmente diferente da percepção de Fernandes de Sá. Para Centurión, nós recuamos à primeira abordagem. Observemos a conclusão do seu depoimento sobre o desfecho dessa ação. “Donos os paraguaios da Parnaíba, no mastro da bandeira de popa arriaram a bandeira imperial e içaram em seu lugar a tricolor paraguaia, em meio aos mais estridentes aplausos dos ali presentes, dos demais navios e dos que se encontravam na barranca... A Amazonas e outro vapor que se encontravam mais abaixo recobriram a coragem e vieram auxiliar sua companheira que se encontrava em situação bastante difícil. Assim que

chegaram, fizeram fogo sobre a Parnaíba, matando a maior parte dos paraguaios que estavam a bordo. Então, os brasileiros que se haviam ocultado, vendo que o número de paraguaios havia diminuído consideravelmente, contra-atacaram, matando alguns e o resto conseguiu fugir a nado. Os paraguaios fizeram prodígios de valor nessa ocasião, infundindo a desmoralização e o pânico entre seus inimigos, que eram oito vezes superiores em número.”<sup>16</sup>

O comandante da Parnaíba, ao contrário, em seu depoimento descreve a ação subsequente. Disse ele que: “Eram vozes de nossos marinheiros e soldados acometendo resolutamente os paraguaios que se escapavam por terem percebido que a Amazonas e a Belmonte vinham em nosso auxílio e também a Mearim. Grande foi a desordem do inimigo. Os 30 cadáveres deixados em nossa coberta, inclusive o do atrevido oficial que profanou a nossa bandeira, atestam bastantemente o revés sofrido por eles, devendo aqui adicionar que todos os outros paraguaios que então se achavam a bordo precipitaram-se no rio e ganharam a margem do Chaco.”<sup>17</sup>

A mesma ação com duas visões distintas. Esse é um exemplo da beleza que é a História. Compete ao historiador profissional confrontar as fontes e por meio das técnicas de crítica histórica interpretar aquilo que lhe parece mais verossímil, procurando a verdade. Sinto dizer que a própria palavra “verdade” me

traz algum desconforto. Afinal, estaria Fernandes de Sá inventando todo aquele heroísmo brasileiro na ação? Ou estaria Centurion fazendo o mesmo, enaltecendo o combatente paraguaio? Afinal, são dois relatos distintos da mesma ação. A verdade sempre foi perseguida pelo historiador e assim deve ser. A reinterpretação dos fatos históricos é que faz o profissional de Clio cada vez mais se apaixonar pelo seu ofício.

Não devo aqui procurar desvendar o que acontece, embora tudo indique que o relato paraguaio possivelmente esteja com a razão, pois o prático da Parnaíba, capitão Antonio Valentino, assim se pronunciou sobre a fuga de brasileiros cobertas abaixo. Disse ele: “O comandante ferido se retirou à Praça d’Armas e o Imediato ordenou à tropa que fosse para a proa para defender o navio da abordagem. Esta movimentação deixou desguamecida a corveta desde o mastro da mezena até a popa e então nos abordaram os outros vapores. Os paraguaios saltavam furiosos, com machetes enormes que cortavam pelo ar e destroçando as redes de abordagem, invadindo a cobertura. Os marinheiros e tropa lutaram sozinhos, pois ao retirar-se o comandante à Praça d’Armas o seguiram todos os oficiais. Eu abandonei a roda do leme e corri para a proa, encontrando hermeticamente fechadas todas as escotilhas, exceto a entrada da escada da Praça d’Armas. Os paraguaios se dirigiram para ela me ameaçando já com seus sabres, assim é que me joguei para dentro fechando a porta. Desta maneira

ficamos todos em baixo e os paraguaios lutando e liquidando os brasileiros que tinham ficado na cobertura, sem poder ir para o interior do navio.”<sup>18</sup>

Com esse relato, parece que Centurion estava correto ao observar o recuo dos brasileiros para o interior do navio. Não importa. O certo é que o confronto de relatos faz parte do trabalho do historiador. O que gostaria de apontar é que a Micro-História, com seus relatos de pessoas comuns, algumas delas pequenas no contexto histórico analisado, pode ser uma auxiliar eficiente para se compreender os grandes fenômenos, ou mesmo micro-universos que envolvem os protagonistas.

O que se sabe é que a Parnaíba perdeu o maior número de combatentes na batalha. Foram mortos 33 homens e 28 ficaram feridos, além de 14 extraviados caídos no rio e nunca encontrados, o maior número de baixas entre os navios imperiais. Voltemos à ação.

Como se encontrava o restante da esquadra brasileira naquela altura da batalha?

A Amazonas, seguida da Beberibe, Mearim, Araguay, Iguatemy e, por fim, da Ypiranga, manobrava abaixo da Ponta de Santa Catarina, único local do rio que oferecia largura suficiente para uma guinada franca pela esquerda (bombordo) e uma profundidade condizente com o maior calado da formatura, a da Amazonas, de cerca de 14 pés.

No lado paraguaio, com

exceção do Paraguari, avariada pela Parnaíba e do Jejuy encalhada na Ponta Santa Catarina, o restante dos navios ainda mantinha um poder combatente suficientemente forte para vencer o embate.

Ao fim da guinada, o Chefe de Divisão Barroso investe em coluna rio acima para auxiliar a Parnaíba e atacar os primeiros navios paraguaios a partir de Santa Catarina.

O Primeiro-Tenente Antônio Luiz Von Hoonholtz, comandante da canhoneira Araguari, em carta pessoal ao seu irmão Frederico, 11 dias após o combate, assim se referiu à investida de Barroso após a curva para a esquerda: “No primeiro plano vimos a Parnaíba, abordada pelos mesmos três vapores cuja abordagem eu repelira ao descer... e de bandeira arriada. Ao longe a Jequitinhonha, de proa para baixo, porém preso no banco Dei Bergatim e alvejado pela bateria de Bruguez, a qual respondia com admirável vigor enquanto sua hélice debatia-se em vão para safá-lo. Não havia tempo a perder e voamos todos a socorrer a Parnaíba. Ao ver-nos subir todos juntos o Taquary seus três companheiros largaram a presa e afastaram-se, indo a eles reunir-se outro que me disse o prático ser o Pirabebê.”<sup>19</sup>

Chega-se então ao momento culminante da batalha. A manobra de abalroamento dos navios paraguaios realizada pela Amazonas. Muito se tem discutido a respeito dessa ação de Barroso. Questionamentos, dúvidas, certezas e muitos erros metodológicos

de historiadores estrangeiros.

A manobra iniciou-se com a utilização da Amazonas como aríete contra o Jejuy, que foi posta a pique. Seguiu-se o Marquês de Olinda e o Salto Oriental, levando de roldão uma chata artilhada. Mezza, percebendo a situação se deteriorar rapidamente, desatraca de contra-bordo da Parnaíba e segue com o Taquary para se juntar ao Igurey, ao Pirabebe e ao Iporá. É perseguido na ação pela Beberibe e pela Araguari. A Iguatemi, por outro lado, permaneceu atirando contra as chatas e as fortificações de terra. A Mearim foi auxiliar a Belmonte encalhada. A Ypiranga acompanhou a ação da Amazonas, subindo o rio. As cinco chatas inimigas foram todas aprisionadas.

A derrota quase certa transformou-se em vitória definitiva. Foi por certo o ponto de inflexão desse combate.

Quem foi o autor dessa manobra providencial?

Não pretendo repetir os argumentos de ambos os lados. Não quero e não devo julgar o que ocorreu. Falta-me conhecimento, devo confessar. Um dos lados afirmou que a manobra idealizada teve como autor o próprio Barroso. O outro grupo, ao contrário, imputou ao prático Bernardino Gustavino a manobra de abalroamento dos navios inimigos.

Outros historiadores mais capacitados já discutiram essa questão a fundo e não pretendo rediscuti-la. O que pretendo é discutir a forma como as fontes foram trabalhadas e

os erros metodológicos cometidos, tomando como base os depoimentos daqueles que participaram.

Inicialmente, o Primeiro-Tenente Von Hoonholtz, da Araguari, assim descreveu a ação de Barroso nesse momento crucial da batalha: “É notório e desde logo se soube na esquadra que as bicadas da Amazonas foram ordenadas propositadamente por V<sup>a</sup>. Ex<sup>a</sup>., que do alto do passadiço era visto por todos a dar ordens para evoluções do capitânia, com a coragem e sangue-frio que nenhum dos combatentes dessa gloriosa jornada poderá jamais esquecer nem terá nunca a insensatez de negar ou desconhecer no ínclito Chefe Barroso.”<sup>20</sup>

O Segundo-Tenente Júlio César de Noronha, oficial da Amazonas, assim se pronunciou: “Sempre atribuí a V<sup>a</sup>. Ex<sup>a</sup>. a iniciativa da manobra que ocasionou a perda dos vapores paraguaios Jejuy, Salto e Marquês de Olinda. A habilidade não vulgar com que o ilustre almirante Barão do Amazonas soube aproveitar-se do poder resistente da proa de seu navio para acelerar o momento da vitória e infligir sérios desastres ao inimigo, recomenda-o à veneração dos povos do Império e do Prata.”<sup>21</sup>

Outro oficial do navio, o Guarda-Marinha Manoel José Alves Barbosa, presente no passadiço da fragata Amazonas, foi mais longe ao afirmar que: “As investidas dadas pela Amazonas sobre os vapores paraguaios não foram casuais, mas sim premeditadas como o plano de

ataque concebido por V<sup>a</sup>. Ex<sup>a</sup>., a quem sobre o passadiço do navio onde durante toda a ação me achei transmitindo as ordens e sinais para o combate, ouvi mais de uma vez ordenar com insistência ao práctico Bernardino Gustavino que declarasse logo que o navio se achava em posição de poder executar aquela manobra.”<sup>22</sup>

O Primeiro-Tenente Carlos Frederico de Noronha, outro oficial da Amazonas, declarou, quando questionado por escrito por Barroso que: “A iniciativa da manobra que inutilizando os vapores Jejuy, Salto e Marquês de Olinda, tornou a vitória mais decisiva foi de V<sup>a</sup>. Ex<sup>a</sup>., cujo nome a gratidão nacional inscrevera no panteão da História.”<sup>23</sup>

Outros oficiais fizeram declarações semelhantes confirmando a manobra como de autoria de Barroso. A documentação oficial confirma a manobra como de Barroso. E Bernardino Gustavino? Como foi a sua declaração? Disse ele: “Que havendo suspendido os navios paraguaios e estando travado o combate entre as duas esquadras, o vapor Amazonas, quando seguira águas acima, encontrara fundeado o vapor paraguaio Jejuy e fora sobre ele por iniciativa e ordem do então Chefe de Divisão Francisco Manuel Barroso e isto depois de consultar a ele depoente (Bernardino) se havia água bastante para a Amazonas e obter resposta afirmativa. E que o bom êxito dessa manobra que pôs a pique o dito vapor paraguaio levara

o mesmo chefe a repeti-la contra outros navios inimigos, que tiveram a mesma sorte do Jejuy.”<sup>24</sup>

Essa declaração de Gustavino foi feita por escrito e assinada na presença de três oficiais superiores e uma praça brasileiros testemunhas. Haveria nesse caso alguma dúvida sobre a autoria dessa manobra?

Do lado contrário, a pior crítica foi a de George Thompson, que não se encontrava a bordo da Amazonas quando da ação, pois era do círculo de Solano Lopez e estava afastado da batalha. Muitas de suas afirmações, contidas em seu livro **The War in the Paraguay** foram depoimentos de outros. Disse ele que: “Os brasileiros celebraram esta batalha como uma grande vitória e o Imperador conferiu uma cruz a Barroso, o comandante, e o fez Barão do Amazonas. Em qualquer outro país seria ele julgado por uma corte marcial, não somente por não haver procurado deter os vapores paraguaios em retirada senão também pelo boato de sua covardia a bordo do seu próprio navio, onde ao que se disse ele perdeu completamente a cabeça e de ter sido o piloto correntino nessa ocasião o verdadeiro comandante da frota.”<sup>25</sup>

Compreende-se que Thompson estivesse lutando em lado contrário ao do Brasil e que privasse do círculo íntimo de Lopez, daí sua parcialidade, afinal, nunca foi historiador e sim memorialista, despreocupado com o rigor histórico.

Compreende-se que seu texto, por ser baseado em relatos de outros,

seja considerado fonte secundária, daí o cuidado na análise por parte do profissional de Clio que sempre anseia por documentação primária, o caso dos depoimentos dos brasileiros, testemunhas oculares dos eventos.

Compreende-se que Thompson seja parcial no seu relato. Até mesmo os mais experimentados historiadores muitas vezes sucumbem às suas próprias motivações.

O que não se pode entender é como um historiador contemporâneo profissional, o professor inglês Geoffrey Regan, pode escrever um texto histórico (o livro **Guinness Book of Naval Blunders**) sem ao menos pesquisar fontes primárias e fixar-se apenas em uma fonte secundária (Thompson) ao afirmar a covardia de Barroso durante a batalha.

Não houve pesquisa documental. Não houve confronto de fontes. Não houve interpretação. Não houve acribologia histórica. Enfim, não houve nada. Como historiador profissional, o professor Geoffrey Regan deveria pelo menos desconfiar do texto de Thompson, afinal, Barroso fora criado desde tenra idade nos conveses dos navios em um período em que as guerras faziam parte do cotidiano. Desde cedo Barroso compartilhara as agruras dos combates permanentes. Será que ele havia passado incólume sem nunca ter sido avaliado por seus chefes e pares em momentos de real perigo? Se o professor tinha alguma dúvida a respeito de sua conduta (e um profissional de Clio deve ser antes de

tudo um curioso) por que não pesquisou mais amiúde? Deixo essa pergunta aos senhores.

Voltando ao combate, ele se encerrou com a fuga dos navios paraguaios em direção a Corrientes. A Beberibe e a Araguari ensaiaram uma perseguição até o cair da noite, sem alcançá-las. O combate efetivamente terminou às 16 horas. O Paraguai perdera quase toda a sua frota.

Senhores, em poucas palavras esse foi o combate naval do Riachuelo. Utilizei fontes primárias e procurei avidamente o confronto de relatos. Não analisei o aspecto estratégico nem as considerações táticas. Mesclei os comentários com textos secundários dos Almirantes Fortuna e Bittencourt, especialistas nessa batalha, de forma a apresentar um quadro mais compreensível.

Procurei assim utilizar a abordagem micro-histórica como ferramenta de meu campo de observação. Não tive a pretensão e nem a competência de seguir os passos do ilustre professor Carlo Ginsburg, um dos mestres da Micro-História. Esse conhecido mestre italiano em seu livro vibrante **O queijo e os vermes** conseguiu retratar por meio de textos processuais da Inquisição contra o moleiro Menocchio no século XVI todo um arcabouço do cotidiano e das idéias que permeavam o universo que o circundava. Os relatos do próprio Menocchio ajudaram nessa compreensão.

O que a Micro-História pretende é a redução na escala de observação do historiador de modo a perceber

aspectos que passariam despercebidos. O que tentei atingir não foi o puro relato do combate por si, mas sim entender as diferentes visões de um mesmo problema social (e a batalha deve assim ser percebida). Não procurei tampouco proceder a grandes generalizações estratégicas ou táticas. Longe disso.

Devo confessar que um estudo micro-histórico envolve questões muito mais amplas do que as que apresentei. O que fiz foi apenas um pequeno relato desse tipo de abordagem.

Percebo a História não apenas baseada no que o professor Raphael Samuel descreveu como fetichismo da documentação, uma obsessão pelos fatos e uma metodologia de realismo ingênuo.<sup>26</sup> História não pode ser percebida apenas como documentação. O regresso ao mundo rankiano deve ser evitado. História é mais que apenas o documento. Ela deve permitir diferentes interpretações de diferentes abordagens.

O professor doutor Keith Jenkins aponta quatro razões para o que chamou de fragilidade epistemológica da História. A primeira razão é que o historiador não consegue abarcar e recuperar a totalidade dos acontecimentos, pois eles são praticamente ilimitados.

Em segundo lugar que nenhum relato consegue recuperar o passado tal como aconteceu por que o passado foi uma situação e não um relato. Relatos são confrontados com relatos e nunca com acontecimentos. O que existe é interpretação de

situações, é construção do próprio historiador. É um relato individual.

A terceira razão é que o historiador depende dos olhos e da voz de outrem que atua como intérprete que se interpõe entre o acontecimento e a leitura que dele se faz. Mesmo os documentos ditos primários ou relatos de testemunhas oculares dos fatos são permeados por motivações, predisposições e ideologias. O historiador, também, não está imune a isso.

E, por fim, podemos assegurar que sabemos mais sobre o passado do que as pessoas que lá viveram. O historiador por ter uma visão ampla da questão e perceber os seus efeitos poderá reconstruir o relato de modo bem mais completo.<sup>27</sup>

Finalizando, vimos então como as percepções dos atores mudam. Como elas são parciais e muitas vezes tendenciosas. O mesmo fato percebido de maneiras diferentes.

A Batalha Naval do Riachuelo, como fato histórico, continuará sempre a despertar o interesse dos historiadores profissionais. Ela será sempre discutida com novas abordagens. Foi isso que tentei fazer com esse relato micro-histórico.

Compete ao historiador perceber essas tendências e procurar, na medida do possível, separar o que para ele tem pertinência e o que não tem.

Ai está exatamente a beleza da História.

Muito obrigado.

## Notas

1 HATTENDORF, John. **The uses of Maritime History in and for the Navy**. Newport RI, Naval War College Press, 2003. p. 19.

2 Ibid. p. 20.

3 Ibid. p. 20.

4 RICHMOND, Herbert. **The importance of the study of Naval History**. Naval Review, 1939. p. 201.

5 JENKINS, Keith. **A História repensada**. São Paulo, Contexto, 2001. p. 35.

6 BARROS, José d'Assunção. **O campo da História**. Petrópolis, Vozes, 2004. p. 19.

7 Carta escrita pelo Primeiro-Tenente Antonio Luiz Hoonholtz, comandante da canhoneira Araguari, a seu irmão Frederico José, residente no Rio de Janeiro, no dia 22 de junho de 1865, a bordo de seu navio, fundeado na Cancha Del Chimbolar. p. 5.

8 Carta do Capitão-de-Fragata Remigio Cabral ao Doutor Gregório Benitez, datada de 2 de junho de 1892, de Jaguaron, Paraguai.

9 Relatório do Primeiro-Tenente Joaquim Francisco de Abreu, comandante interino da canhoneira Belmonte, para o Chefe de Divisão Francisco Manoel Barroso, Chefe da 2ª Divisão, em 11 de junho de 1865.

10 FORTUNA, Hernani Goulart. "Batalha Naval do Riachuelo", palestra proferida no dia 11 de junho no Comando Militar da Amazônia, em Manaus. p. 11.

11 Relatório do Capitão-Tenente Joaquim José Pinto, comandante interino da canhoneira Jequitinhonha,

para o Chefe de Divisão Francisco Manoel Barroso, Chefe da 2ª Divisão, em 13 de junho de 1865.

12 CENTURION, Juan Crisóstomo. **Memórias e reminiscências históricas sobre la Guerra Del Paraguay**. Tomo I. El Lector, 1987. p. 273.

13 Depoimento do comandante da Parnaíba, Capitão-Tenente Aurélio Garcindo Fernandes de Sá, sobre a participação do navio na batalha. Arquivo da Marinha, SDM.

14 Depoimento do comandante da Parnaíba, Capitão-Tenente Amélio Garcindo Fernandes de Sã, sobre a participação do navio na batalha. Arquivo da Marinha, SDM.

15 CENTURION, Juan Crisóstomo. **Memórias e reminiscências históricas sobre la Guerra Del Paraguay**. Tomo I. El Lector, 1987. p. 274.

16 *ibid.* p. 275.

17 Depoimento do comandante da Parnaíba, Capitão-Tenente Aurélio Garcindo Fernandes de Sá, sobre a participação do navio na batalha. Arquivo da Marinha. SDM

18 Depoimento do práctico Capitão Antonio Valentino, do vapor Parnaíba na Batalha Naval do Riachuelo, quando práctico do vapor Rio Paraná, no dia 21 de abril de 1888, na cidade de San Fernando, no Paraguai.

19 Carta escrita pelo Primeiro-Tenente Antonio Luiz Hoonholtz, comandante da canhoneira Araguari, a seu irmão Frederico José, residente no Rio de Janeiro, no dia 22 de junho de

1865, a bordo de seu navio, fundeado na Cancha Del Chimbolar. p. 15.

20 Depoimento do Primeiro-Tenente Von Hoonholtz da Araguari para o Almirante Barão do Amazonas sobre o seu testemunho da batalha, datada de 3 de dezembro de 1877, no Rio de Janeiro.

21 Depoimento do Capitão-Tenente Júlio César de Noronha para o Almirante Barão do Amazonas sobre o seu testemunho da batalha, datada de 29 de outubro de 1877, no Rio de Janeiro.

22 Depoimento do Primeiro-Tenente Manoel José Alves Barbosa para o Almirante Barão do Amazonas sobre o seu testemunho da batalha, datada de 24 de outubro de 1877, no Rio de Janeiro.

23 Depoimento do Capitão-Tenente Carlos Frederico de Noronha para o Almirante Barão do Amazonas sobre o seu testemunho da batalha, datada de 28 de outubro de 1877, no Rio de Janeiro.

24 Depoimento assinado pelo práctico Bernardino Gustavino a bordo da fragata Amazonas no porto de Montevideo na presença dos comandantes Dyonisio Manhães Barreto, Manoel Carneiro da Rocha e Custódio José de Mello sobre o seu testemunho da batalha, datada de 3 de outubro de 1877.

25 THOMPSON, George. **Guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro, Conquista, 1968. p. 77.

26 JENKINS, Keith. **A História repensada**. São Paulo, Contexto. ps. 19, 27 e 31.